

PERCEPÇÃO DE MULHERES ACERCA DE CONTEÚDOS SEXUAIS NA MÚSICA POPULAR DO BRASIL

Gabriela Fantin¹
Adriano Schlösser²

RESUMO

A música configura-se como uma arte essencial à vida do ser humano. No contexto das letras musicais, encontram-se temas que envolvem conteúdos sexuais explícitos relacionados às mulheres, trazendo por vezes temáticas que incitam a objetificação e violência. O objetivo da pesquisa foi identificar a percepção de mulheres acerca de conteúdos sexuais em letras musicais. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 15 mulheres, posteriormente analisadas através da análise temática categorial, dando origem a 3 categorias, a saber: relação com a música, conteúdos sexuais e influência da música. Os resultados demonstraram um predomínio de descontentamento sobre o tratamento depreciativo atribuído à figura feminina em músicas de cunho sexual, avaliadas pelas participantes como uma manifestação da cultura machista. As mulheres que declaram não se sentirem lesadas com os conteúdos sexuais compreendem estas letras como temas naturais às relações e não diretamente relacionadas a elas.

PALAVRAS-CHAVE: *música, psicologia social, sexualidade.*

¹ Pós Graduada em Terapia Cognitivo Comportamental e Musicoterapia. Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina. <https://orcid.org/0000-0001-5954-1475>. E-mail: fantingabriela15@gmail.com

² Doutor em cognição e representações sociais. Coordenador do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina. E-mail: adriano.psicologia@yahoo.com.br

WOMEN'S PERCEPTION OF SEXUAL CONTENT IN BRAZILIAN POPULAR MUSIC

ABSTRACT

Music is an essential art for human life. In the context of musical lyrics, there are themes that involve sexual content related to women, sometimes exploring themes that incite objectification and violence. The objective of the research was to identify the perception of women about sexual contents in musical lyrics. 15 semi-structured interviews were carried out and analysed, revealing 3 thematic categories: relation to music, sexual contents and music influence. The results showed that most women are displeased by how the female image is deprecated in songs with sexual content, which they see as expressions of male sexism. The women which didn't feel harmed by the songs did not think of them as related to women, but only to relationships.

KEYWORDS: *Music, social psychology, sexuality.*

INTRODUÇÃO

Historicamente, as mulheres carregam consigo inúmeros rótulos que as desqualificam. Em diferentes tempos e sociedades, as mulheres já foram vistas como propriedades e submissas aos homens, visão que se reflete na concepção de “sexo frágil”. Com o movimento feminista iniciado no final do século XIX, conquistas sucederam-se, tais como o direito a voto e posterior participação política, independência financeira, espaço na área acadêmica, dentre outras. Contudo, suas conquistas ainda não foram capazes de alterar totalmente o modelo opressor que atualmente se perpetua e pode ser verificado nas estatísticas (FANTIN; D’AGOSTINI; DE MARCO; 2018).

No Brasil, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, no ano de 2017 foram contabilizados 1.133 casos de feminicídio e 221.238 casos de violência doméstica registrados pela lei Maria da Penha, ou seja, uma média de 606 casos de agressão contra a mulher por dia. Quanto à violência sexual, contabilizou-se 61.032 casos de estupro no país no mesmo ano, sugerindo um aumento de 10% comparado ao ano de 2016 (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2018).

Dentre os tipos de violência praticada contra as mulheres, o abuso sexual é o tema que gera maior repulsa e, simultaneamente, é o que mais está envolto por tabus, dificultando discussões. Apesar da revolta que o ato causa, verificam-se discursos e comportamentos sociais que naturalizam, perpetuam e/ou culpabilizam a vítima pela violência sofrida. De acordo com a Lei 12.015 de Agosto de 2009, que trata de crimes sexuais, o estupro é caracterizado pelo constrangimento de alguém, mediante violência ou ameaça, a ter conjunção carnal ou praticar/permitir que se pratique ato libidinoso. Esta lei também criminaliza o estupro contra vulneráveis - menores de 14 anos -, sem capacidade mental ou discernimento para o ato, ou que não podem oferecer resistência por qualquer motivo (BRASIL, 2009).

A construção cultural do estupro, segundo Santos e Bussinger (2017), deriva da compreensão social do sexo masculino como potente, ativo e viril, concepção subjetiva que gera a aprendizagem pelos homens de características, posturas e modos de vida. São socialmente atribuídos valores diferenciados aos gêneros desde a infância, naturalizando diferenças de tratamento que conferem aos homens características que podem se confundir com poder sexual.

Dentre os contextos sociais de manifestação de elementos associados às formas de violência sexual, encontram-se indícios desta cultura em trechos de músicas populares nacionais. No cenário musical, o Brasil possui uma pluralidade cultural extensa representada na musicalidade, que reflete a diversidade da cultura brasileira. A música compõe e expõe a identidade da população; as canções podem produzir um discurso histórico que ilustra a realidade social, política e econômica (MANOEL, 2014). Justo e Freitas (2016) abordam a potencialidade da música em produzir subjetividade, vinculações e referenciais identitários, operando em um tempo e espaço determinado e associando-se às relações sociais, como uma espécie de espelho da sociedade em que se propaga.

Desta forma, sustenta-se a compreensão de que a relação do ser humano com a música acontece em uma dimensão cultural, visto que a música se insere em atividades sociais e está cercada de significados. É a partir da realidade individual, cultural e social que o compositor obtém conteúdos para a construção musical. Considerando que a música é usada como uma forma de expressão do compositor sobre seu ambiente, seus fatores subjetivos, sociais e culturais, ela atua também como uma representação do pensamento social.

Nesta perspectiva, verifica-se em várias músicas populares conteúdos que normalizam a abordagem abusiva de homens em situações de flerte, o sexo com mulheres alcoolizadas (configurando estupro de vulnerável), a coerção, as ameaças e a violência com objetivo de obter relações sexuais. Partindo destes conteúdos agressivos, procurou-se entender a compreensão das mulheres sobre esses discursos como sendo ofensivos e violentos e, ainda, qual a sua percepção/reação diante de letras de música que apresentem a figura feminina associada a conteúdos de natureza sexual, alusivos ou não à violência.

MÉTODO

Delineamento

Qualifica-se esta pesquisa como tendo abordagem qualitativa, de natureza exploratória, descritiva e com corte transversal. Buscou-se aqui identificar a percepção de mulheres acerca de conteúdos sexuais em letras musicais, assim como os sentidos por elas produzidos frente a essas letras. Foram utilizadas entrevistas no intuito de conhecer, explorar e aprofundar os conteúdos apresentados pelas participantes (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006). Em

função do corte transversal, considerou-se apenas a maneira como as participantes interpretam o tema no momento presente de suas vidas, não havendo acompanhamento em contextos posteriores.

Participaram deste estudo 15 mulheres, com idades entre 18 e 27 anos. Das 15 participantes, 5 possuíam Ensino Superior Completo e as demais possuíam Ensino Superior Incompleto. As entrevistas foram realizadas individualmente, em local e horário pré-agendado. Estabeleceu-se, para definir o número de participantes, o critério de saturação dos dados (GHIGLIONE; MATALON, 1997). O acesso às participantes aconteceu por indicações de pessoas do convívio do pesquisador, por meio da técnica bola de neve (*snowball*). Os critérios de inclusão estabelecidos foram: idade mínima de 18 anos e ser do gênero feminino.

Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados aconteceu por meio de entrevista individual semidiretiva em profundidade, tendo em vista que esta modalidade de entrevista possibilita a aquisição de conhecimentos através das experiências e circunstâncias específicas de vida (FLICK, 2008). Inicialmente, foram realizadas 4 entrevistas piloto para aprimorar o modelo da entrevista. O contato com as participantes ocorreu por meio de contato telefônico, via redes sociais, e-mail ou pessoalmente. Na sequência, foram agendadas as entrevistas em locais pertinentes às participantes e que atenderam ao critério de sigilo das informações. As perguntas exploratórias envolveram os seguintes temas: relação das participantes com a música, identificação com estilos musicais, identificação pessoal com letras musicais, percepção sobre letras musicais de conteúdo sexual e relação de letras musicais com práticas sociais pessoais e interpessoais³. Finalizando a entrevista, efetuou-se um espaço de diálogo com as participantes, por meio de questionamentos sobre a sua satisfação com os conteúdos abordados e sobre alguma opinião ou informação não colocada anteriormente. O objetivo deste espaço foi identificar possíveis informações não verbalizadas, dúvidas frente aos dados da pesquisa, bem como possíveis evocações emocionais presentes quando em contato com temas de maior sensibilidade.

³ Alguns exemplos das perguntas realizadas são: o que você pensa sobre músicas com conteúdo sexual? De que forma a música influencia em seu cotidiano, em suas experiências pessoais?

Análise de dados

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Na sequência, realizou-se uma análise temático-categorial dos conteúdos, com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), que consiste em um desmembramento do texto e seu reagrupamento em categorias, viabilizando a leitura e interpretação das informações, bem como a apreensão dos fenômenos sociais, culturais e significações apresentadas pelas entrevistadas. Conforme resolução n. 210/2016 do Conselho Nacional de Saúde, a pesquisa em questão foi submetida à análise do Comitê de Ética da Universidade do Oeste de Santa Catarina. Foi explanado e assinado por todas as entrevistadas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a autorização para a gravação de voz.

RESULTADOS

A partir da técnica de análise temático-categorial, dividiram-se os dados em 3 categorias temáticas: relação com a música, conteúdos sexuais e influência da música. Na Tabela 1, encontram-se as categorias citadas, bem como as suas respectivas unidades de registro e frequência de citação entre as participantes.

Tabela 1 Análise temático-categorial das entrevistas

| <i>Categoria</i> | <i>Unidade de registro</i> | <i>Frequência</i> |
|-----------------------------|--------------------------------|-------------------|
| <i>Relação com a música</i> | Humor | 6 |
| | Forma de expressão | 5 |
| | Reflexo da personalidade | 4 |
| | Som ambiente | 4 |
| | Lembranças de momentos de vida | 3 |
| | Função terapêutica | 3 |

| | |
|-------------------------|---|
| Profissional | 3 |
| Espiritual/religiosa | 3 |
| Refúgio da realidade | 3 |
| Reflexão | 3 |
| Dança | 3 |
| Ato político/ideológico | 2 |

| | | |
|--------------------------|--|---|
| <i>Conteúdos sexuais</i> | Sentimentos associados | 9 |
| | Funk | 9 |
| | Depreciação da mulher | 8 |
| | Sobreposição do ritmo | 8 |
| | Normalização de comportamentos problemáticos | 7 |
| | Machismo | 7 |
| | Crianças | 6 |
| | Naturalização da sexualidade | 5 |
| | Realidade sócio cultural | 5 |
| | Influência comportamentos masculinos | 5 |
| | Modismo | 5 |

| | | |
|-----------------------------|-----------------------------------|---|
| | Restrição de ambiente | 4 |
| | Comercialização | 2 |
| | Retrocesso na igualdade de gênero | 2 |
| | Pornografia | 2 |
| <i>Influência da música</i> | Grupos | 9 |
| | Humor | 7 |
| | Estereótipos | 6 |
| | Comportamento | 7 |

Categoria 1: Relação com a música

A primeira categoria, intitulada “relação com a música”, expressa os principais significados e interações que as participantes estabelecem com a música. Verifica-se que podem ser encontradas diferentes formas de constituir a relação entre o sujeito e o fenômeno musical, o qual apresenta desde funções recreativas e terapêuticas até relações profissionais e de manifestação de ideologias.

Dentro desta categoria, a unidade de registro mais comentada foi “humor”, na qual as participantes relatam o uso da música como uma estratégia para melhorar o humor ou reduzir o estresse do cotidiano. Essa relação se verificou em trechos como: “eu uso a música mais para me animar mesmo” (P3); “quando estou estressada, busco escutar uma coisa tranquila, quando eu estou mais animada, algo mais animado” (P11).

Outra forma de relação com a música foi como “forma de expressão” seja de pensamentos, sentimentos ou expressão artística. A expressão, que ocorre por meio da música, pode ser verificada tanto nas composições quanto na interpretação do sujeito que a aprecia: “às

vezes eu não sei me expressar, mas a música se expressa por nós” (P10); “a música acaba deixando a gente expressar os sentimentos” (P11).

Por estar presente na vida das pessoas desde muito cedo, através de vivências e experiências distintas, a música é facilmente associada a “lembranças de momentos de vida”. Nas entrevistas, a música adentra associada a memórias afetivas, servindo como trilha sonora de experiências vivenciadas: “me lembra muito minhas amigas, tudo o que a gente fazia” (P3); “tem muitas músicas que marcam a nossa vida, principalmente relacionamentos, então tem essa parte emocional também” (P4).

A música pode ser vista também como uma forma de “reflexo da sua personalidade”. Percebeu-se o processo de identificação de letras musicais com características pessoais, através da relação entre gosto musical e a dimensão identitária: “eu percebi que meu gosto foi mudando conforme a minha personalidade” (P1); “acho que tem relação tanto com a personalidade da gente quanto com o momento” (P3).

Outra forma de relação apresentada diz respeito a utilizar a música como uma fuga do silêncio, ou uma maneira de tornar um ambiente mais agradável para permanência, sendo esta unidade de registro intitulada “som ambiente”. Aqui, a música adentra como forma de interromper um silêncio “prejudicial” ao ambiente: “trabalho com design e é muito silencioso, então preciso preencher esse espaço de silêncio” (P4); “Eu fico com uma música de fundo pra não ficar aquele silêncio às vezes” (P14).

Na unidade “refúgio da realidade”, as participantes relatam ter na música uma fuga das situações difíceis e estressantes do dia a dia. Segundo os relatos, a imersão no contexto musical pode gerar distração dos problemas: “acho que a música é como se fosse um portal para fugir da realidade” (P1); “a música tem o poder de te transportar no tempo” (P3).

Para além da mudança no humor, houve relatos da música como uma forma profunda de autoconhecimento, meditação e relaxamento, presentes na unidade “função terapêutica”: “É como se fosse uma extensão da minha terapia, um momento de meditação” (P1); “o dia que eu preciso fazer uma terapia, digamos assim, a música ajuda bastante” (P3). Nesta perspectiva, outra associação foi da música na esfera religiosa/espiritual, enquanto forma de louvor ou aproximação com experiências de fé, bem como enquanto uma “reflexão”: “eu tenho a relação religiosa, porque eu sou da umbanda, tem a gira, e toda gira tem que ter música” (P4); “às vezes a minha oração é muito mais forte na música, então a música me conecta muito com Deus” (P8).

A música pode ser utilizada ainda como uma forma de obtenção de renda, seja diretamente por músicos profissionais ou indiretamente como instrumento pedagógico ou terapêutico: “Hoje sou professora de música, eu trabalho com canto, principalmente com criança” (P8); “pelo fato de ser professora eu trabalho com música todos os dias, então a música é muito presente” (P10). As entrevistadas trouxeram também uma aproximação maior com a música por meio da “dança”, uma expressão artística corporal raramente dissociada da música: “a minha professora [...] ela tinha experiência com balé, ela dançava e tudo mais, e [...]então teve toda essa expressão corporal também, além da música” (P10).

Com menos frequência foi citado também pelas mulheres a relação política e ideológica com a música. Algumas participantes trouxeram as letras musicais enquanto formas de posicionamento político, influenciando assim em sua opção por estilos musicais: “a música sempre teve entre os movimentos, durante o momento que teve o regime militar, fizeram várias músicas que passavam mensagens” (P8); “eu acho que a música é um ato político, então eu ouço músicas que defendam o que eu acredito” (P1).

Categoria 2: Conteúdos sexuais

Nesta categoria, foram elencadas as opiniões e percepções das mulheres entrevistadas acerca dos conteúdos sexuais abordados nas letras de música. As unidades de registro mais comentadas pelas entrevistadas foram “sentimentos associados” e “funk”. Na primeira, encaixam-se os registros em que as mulheres manifestaram algum tipo de sentimento ao escutarem as músicas que abordam conteúdos sexuais: “Quando escuto essas músicas, eu me sinto invadida, desrespeitada” (P1); “na maioria das vezes me causa um certo repúdio, pensar que alguém consegue ver a outra pessoa daquela forma (P11)”; “E eu fico muito triste vendo mulheres gostando disso” (P12). O funk, embora tenha sido associado a letras com conteúdo mais sexualizado, não foi trazido majoritariamente de modo negativo: “querendo ou não é mais o funk que vulgariza e que sexualiza o corpo feminino” (P2); “Às vezes eu ouço coisas mais pesadas, como o funk” (P4); “gosto também de funk, que querendo ou não é esse meio musical que acaba tendo essas letras mais erotizadas” (P7).

A questão associada ao aspecto negativo de letras musicais volta-se mais aos conteúdos de natureza depreciativa e não necessariamente erotizada ou sexualizada. Na unidade de registro “depreciação da mulher”, as participantes expõem a percepção de que as letras com

conteúdo sexuais tendem a difamar e/ou desrespeitar a imagem das mulheres, podendo ofender ou causar sentimentos desagradáveis: “a mulher é muito objetificada, sexualizada, vulgarizada nessas letras (P2); “o que me incomoda em músicas assim é que a enorme maioria é feita por homens objetificando as mulheres” (P. 6); “parece que a mulher é um produto, me sinto totalmente desvalorizada” (P12);

A unidade de registro “sobreposição do ritmo” apresenta um conjunto de explicações das participantes referente à popularidade de músicas com conteúdos sexuais. De acordo com os relatos, a popularidade dessas músicas deve-se não necessariamente ao conteúdo, mas sim ao ritmo e a simplicidade de suas composições e melodias: “Tem muita letra de música que a gente nem presta atenção, a gente acaba ouvindo porque a batida é legal” (P5); “não gosto da letra, mas eu escuto mesmo assim porque gosto do ritmo” (P6).

A “normalização de comportamentos problemáticos” foi outra preocupação levantada pelas participantes. Nesta categoria, há a visão de que as letras podem acabar banalizando e então naturalizando situações de violência em suas múltiplas manifestações: “acho que a normalização do abuso, a normalização da relação abusiva, do sexo sem consentimento” (P1); “muitas músicas que falam de novinha e termos assim, eu acho termos problemáticos, que envolvem até pedofilia” (P4); “talvez ela ache normal a agressão durante o ato sexual, porque a música diz isso” (P11); “prostituição, adultério, estupro, maus tratos, sabe, são conteúdos que estão inseridos na música com muita naturalidade” (P14).

Nesta direção foram observadas as unidades de registro “machismo” e “influência de comportamentos masculinos”. Nestas unidades, as participantes percebem que as letras musicais com conotação sexual reproduzem estereótipos sexuais onde a mulher é passiva e vista como objeto sexual. Também relatam que as letras influenciam e naturalizam comportamentos alinhados a esses estereótipos em práticas cotidianas: “é um resultado do patriarcado mesmo, dos homens acharem que eles são superiores, que a mulher está ali para servir os homens, para servir os filhos, para servir a sociedade e não para ela” (P1); “é muito machismo, erotização também sabe” (P3); “Sempre no sentido do homem ser o dominante, que pode escolher, o que olha para as mulheres como um cardápio e trata elas assim” (P6); “isso influencia muito o comportamento dos homens, que nem você vai numa festa [...] eles acham que eles podem chegar na guria porque ela está dançando e a letra da música está provocativa e aí eles acham que podem” (P9); “Que os homens olham e ficam, não sei, acho que não chega a ser um flerte sabe, acho que é uma coisa bem é no tipo do assédio mesmo” (P2).

A unidade de registro “naturalização da sexualidade” apresenta o discurso de conteúdos de natureza sexual cada vez mais naturalizados, tornando-se foco de debate o que, historicamente, já fora considerado tabu: “Acho que essas músicas incomodam porque ainda é muito um tabu, sobre a sexualidade” (P5); “Sexualidade sempre esteve ali, só que agora está sendo mais liberado” (P9). Esta naturalização, contudo, é vista como um problema quando presente em contextos inadequados, como na presença de crianças, por exemplo. Desta forma, percebeu-se uma apreensão em relação à influência que estes conteúdos sexuais contidos em músicas podem ter na infância e no desenvolvimento das crianças, visto que as músicas se tornam cada vez mais acessíveis: “a criança vai crescer achando que é normal, [...] ouvir essas músicas que às vezes até está denegrindo” (P3); “a minha preocupação também é com a questão das crianças, [...] as crianças ouvem, que tipo de música” (P10).

As músicas com conteúdo sexual são ainda compreendidas como algo que deve ser restrito a contexto ou ambientes específicos. Em “restrição de ambiente”, observou-se a necessidade de avaliar o local: “Eu acho que esse tipo de conteúdo só é aceitável em festa mesmo, é acho que só festa”. (P2); “em festa até vai, porque é divertido, só que você não escuta direito o que está falando” (P12).

A “realidade sociocultural” também foi levantada como uma percepção sobre estes conteúdos. Verificou-se a construção de estereótipos, em que as letras apresentam cenários socioculturais onde tais práticas seriam comuns: “vem da periferia onde as pessoas tem menos estudo, tem menos discernimento do que é certo” (P4); “é porque é o que eles estão vendo no dia a dia, então eles acabam sempre produzindo esse mesmo conteúdo” (P12).

Compreende-se também na categoria “modismo” a popularidade dessas músicas pelo consumo em massa: “Coloca a música só pelo barulho mesmo, ou pelo modismo, sei lá” (P3); “porque é moda, todo mundo escuta, vou escutar também” (P8). A unidade de registro “comercialização” associa a produção e consumo das letras pela rentabilidade do ramo: “as pessoas usam a música muito como comércio, então o que fixar na cabeça do povo” (P8).

Em menor quantidade estas músicas foram associadas como uma forma de “retrocesso na igualdade de gênero”: “mas é um sentimento que toda a nossa luta está sendo em vão, que toda a luta das mulheres está indo por terra, porque não está mudando” (P2); “nós como mulheres [...] nós estamos ralando, lutando, batalhando, para ser independente, para conquistar que o nosso amor-próprio prevaleça [...] aí vem uma música dessa, acaba com tudo” (P10). E ainda, com a mesma frequência encontra-se a relação estabelecida entre as músicas e a

“pornografia”: “eu falei da pornografia, porque o homem que tem contato com a pornografia trata as mulheres conforme o que eles veem, então isso reflete na música isso também” (P1); “a pornografia que está inserida nas músicas e essa cultura brasileira” (P14).

Categoria 3: Influências da música

Nesta categoria, incluem-se formas de influência da música no cotidiano das mulheres, segundo relato das participantes. A influência mais percebida por elas é a que ocorre nos seus grupos sociais: “Parece que a pessoa vai buscar pessoas que curtam o mesmo estilo, até por uma questão de sair e tal” (P5); “Acho que a música une muito as pessoas, por ela acessar muita gente, acredito que é uma arma de união” (P8).

Para além da influência em grupos, a influência mais citada foi a que ocorre no “humor”. Nesta unidade, encontram-se percepções de que a música está relacionada a mudança de humor no momento: “às vezes você está bem, escuta uma música meio triste, melancólica e você fica mal” (P4); “no emocional, a questão de escutar uma música triste, escutar uma música alegre, é uma questão que vai mexer com o teu psicológico” (P8).

Foi comentado também a nítida influência da música em características pessoais dos seus fãs, como vestimentas, acessórios, gírias, criando uma associação direta entre o indivíduo e um gênero musical. Em “estereótipos”: “dependendo do estilo de música você consegue ver muitas características refletidas nas pessoas” (P2); “então como que você imagina uma pessoa do rock, é uma pessoa que gosta de usar preto, cabelo longo” (P9); “Parece que cada gênero foi feito para uma pessoa [...] o jeito que ela se veste, modo que se comporta” (P14).

A influência da música no “comportamento” também foi comentada pelas entrevistadas. Nesse sentido, ela é vista como uma possível incitadora de ações no cotidiano, ou, então remete à padronização de comportamentos em certos ambientes: “a música influencia nosso comportamento de todas as formas” (P9); “vê o comportamento no baile funk, todo mundo se comporta da mesma forma” (P12).

DISCUSSÃO

A relação entre música, letras musicais e conteúdos sexuais no contexto da vida das mulheres constitui-se como um fenômeno amplo, que se insere de diversas formas no cotidiano

social e individual, influenciando de diferentes formas, como no espaço laboral, nas relações, no humor, na identidade, personalidade etc. Dentre as participantes desta pesquisa a música se destaca, mesmo para aquelas que não a utilizam profissionalmente, como essencial e indispensável. Diante desta relação estreita do sujeito com o meio que este se insere, a música pode ser entendida como uma representação social e subjetiva do ser humano.

Para Reis e Zanella (2014), a arte vai além de uma mera imitação ou reprodução da vida, pois é capaz de gerar transformação. Ocorre por meio desta a objetivação da subjetividade que, ao dialogar com os outros, se transforma mais uma vez, tornando assim a subjetividade social e historicamente construída. Logo, a arte é um processo que transforma a realidade ao mesmo tempo em que transforma o sujeito da ação.

Na categoria “Relação com a música”, destaca-se em frequência de menções a importância desta ao associar-se com estados emocionais. A maioria das participantes a tem como um instrumento utilizado para mudança de humor, seja propositalmente ou não. Explica-se este discurso pela influência que a música exerce em nível neurofisiológico, podendo ser relacionada à linguagem, movimento, memória e nas emoções. Esta última encontra-se em evidência dentre as entrevistadas. Rocha e Boggio (2013) discutem a influência exercida pela música nesses diferentes processos cognitivos sob um caráter neurocientífico. Quanto à influência da música no âmbito emocional, os autores colocam que existem diferentes posições entre pesquisadores, mas, dentre as possibilidades, a visão mais popular encontrada é a que relaciona as reações emocionais com a música por seu processamento ocorrer no sistema límbico, responsável pelas expressões emocionais.

As participantes trouxeram ainda a importância que a música ocupa em suas vidas como forma de expressão, seja no meio artístico, sentimental, pensamentos ou ideologias. A música ocupou diversas vezes, ao longo dos anos, o papel de expressão subjetiva e até mesmo assume, em alguns gêneros e períodos históricos, o caráter de comentar movimentos ideológicos e políticos. As composições musicais, segundo Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007), podem assumir diferentes sentidos na vida dos seres humanos, os quais são relativos à relação que este estabelece individualmente com a música, como compositor ou apreciador. Em uma visão absolutista, atribui-se a significação musical ao trabalho da arte e aos elementos da composição, de forma que o significado da obra se encontra nela mesma. Já em uma posição referencialista, os significados se encontram nas ideias, emoções, conceitos e eventos encontrados fora da música, produzindo-se um olhar mais subjetivo. É possível ainda uma visão

voltada à construção pessoal e social do significado musical: vinculam-se assim as experiências vividas pelo sujeito em articulação com sentimentos e emoções provenientes da música.

Um gênero musical que pode ser facilmente relacionado ao uso da música como uma forma de expressão de ideias, sentimentos e até mesmo da realidade sociocultural dos indivíduos é o *rap*. Da Silva e Milani (2015) explicam que o rap faz parte de um movimento maior denominado *hip hop*, que incorpora a denúncia social como característica marcante e aborda temas como política, raça, diferenças econômicas e violência às comunidades. Além da exposição ideológica, encontra-se a exteriorização de sentimentos do autor.

Quando se trata da expressão de sentimentos, grande parte dos gêneros musicais se encarregam da tarefa. Muitas composições abordam situações do cotidiano, relacionamentos, histórias e sonhos, que podem facilmente ocasionar a identificação do ouvinte com o compositor. A música, como toda obra de arte, é vista em um contexto sociocultural, carrega significados e possibilita aos sujeitos a construção de sentidos (OLIVEIRA, 2013), ao ponto em que a música cria a afetividade, podendo alterar a forma que o indivíduo se relaciona com o mundo. A partir disto, pode ser compreendida como uma influenciadora na construção da identidade, pois ao (re)significar o mundo, o sujeito significa a si mesmo.

É significativo também, nos relatos das entrevistadas, as menções que trazem a música como diretamente ligada a aspectos identitários e de personalidade, que foram elencados na categoria temática “reflexos da personalidade”. Compreende-se por meio das falas o sentido que as mulheres estabelecem da música como sendo um espelho das suas características individuais, uma extensão do seu modo de ser ou de ver as situações, que ocorre pela identificação com o compositor, com a letra ou com o próprio gênero musical.

O fenômeno da relação estabelecida entre a personalidade e a música foi estudado por Pimentel e Donnelly (2008), no qual é estipulada a relação da preferência musical com os cinco grandes fatores de personalidade. Os autores pontuam que é significativa a relação entre as escolhas musicais dos participantes e os seus traços dominantes de personalidade, como por exemplo, participantes que demonstraram maior preferência por estilos musicais de massa, como sertanejo, funk, pop, mostram índices maiores para extroversão e como consequência são mais comunicativos.

Oliveira (2013), em relação à construção da identidade, discorre que os jovens (individualmente e em grupos) têm com a música um contato de experimentação, diversão, espaço para trocas, produção de sonhos e, nesse caminho constroem a si mesmos, sua

identidade, seus diferentes modos de ser. Ao passar a se identificar com a sonoridade, vestimentas, letras e comportamentos, se inserem em um movimento social como pertencente daquele grupo. Algumas vezes, pode-se até mesmo reconhecer uma geração inteira pela produção musical do período histórico, como por exemplo o movimento do Rock 'n' Roll na década de 1950.

Várias das participantes demonstram estabelecer com a música um contato mais íntimo e profundo. Neste sentido, a utilizam como um instrumento de introspecção, oração, meditação, relaxamento, associando esses momentos com efeitos terapêuticos ou então de caráter espiritual e religioso. Em relação ao caráter terapêutico da música, seus efeitos vêm sendo estudados há alguns anos pela ciência e profissão de musicoterapia. Zanetti (2008) aborda o tema apresentando a conexão entre a música e a psicologia, aplicada à saúde, no qual a música se apresenta como um recurso para reverter ou minimizar situações psicológicas adversas, criando um foco de bem-estar em meio ao sofrimento

Ainda analisando a música como um auxílio na promoção de saúde e bem-estar, Nunes-Silva et al. (2016) analisam as características de composição de músicas, verificando se estas contribuem para indução do relaxamento e quais são seus efeitos psicológicos. Partem do pressuposto de que as técnicas de relaxamento, no âmbito da psicologia e saúde, configuram-se como estratégias importantes durante o processo terapêutico, uma vez que são capazes de reduzir o nível de ansiedade e permitir que o paciente modifique sua relação com seu corpo e suas emoções.

Ademais, observa-se a associação direta da música com a expressão corporal, por meio da dança. Mulheres ligadas a esta arte relatam a influência que a dança exerce na sua relação com a música, que se associa com o ritmo a ser interpretado com coreografias. Vieira e Avelino (2014) lembram que, apesar das fáceis associações, a música e a dança são artes independentes, embora sejam manifestações artísticas próximas. A música pode ter, junto com outros elementos - como iluminação e cenário -, grande importância para reforçar uma experiência artística, sendo de grande utilidade para os artistas do movimento corporal.

Já a categoria “conteúdos sexuais” traz a percepção das mulheres em relação aos conteúdos sexuais encontrados nas letras populares no Brasil. Encontram-se nessas músicas disseminadas discursos relacionados à abordagem abusiva de homens em situações de flerte; o sexo com mulheres alcoolizadas, bem como coerção, ameaças e violência com objetivo de obter relações sexuais. Partindo da análise dos conteúdos das entrevistas, buscou-se entender se há a

compreensão das mulheres desses discursos como sendo ofensivos e ainda, qual a sua percepção, opinião ou reação diante destes.

O assunto mais comentado entre as participantes foi a depreciação da figura feminina, que pode ser relacionado, para uma melhor discussão, com as unidades de registro “machismo”, “influências em comportamentos masculinos” e também ao “retrocesso da igualdade de gênero”. Percebe-se um descontentamento das mulheres, principalmente no que diz respeito a temas que sejam ofensivos, pejorativos, ou que menosprezem, objetifiquem e sexualizem as mulheres, colocando-as em posição de submissão e/ou humilhação, conforme interpretação de cada uma.

Acerca de letras com conteúdo pejorativo à mulher, Lucena, da Silva e Bonfim (2014) analisam o histórico e o conteúdo das letras de música do forró nordestino e comentam que as composições mais recentes do gênero mostram uma conotação sexual forte contra a figura feminina e com adjetivos impróprios. Segundo elas, a mulher que derrubou os rótulos de “rainha do lar” precisa lutar por respeito diante de termos como “safadinha” e “gostosa”, havendo uma incoerência na naturalidade com que o desrespeito à mulher é encarado mesmo após anos de luta, sendo necessária a conscientização até mesmo da própria mulher.

Esses conteúdos seguem facilmente associados a uma cultura machista e sexista, que permite aos homens esse tipo de tratamento para com as mulheres, inclusive narrado em letras de músicas, passando a ideia de superioridade do gênero masculino e conferindo-lhes o poder deste tratamento. Da mesma forma que as músicas podem narrar situações machistas que já ocorrem no cotidiano, levanta-se a preocupação referente à influência que essas letras possam exercer no comportamento masculino, principalmente em situações de flerte ou em ambientes de maior vulnerabilidade, como em festas, por exemplo. Segundo Souza (2016), essa imagem da mulher como um ser inferior, passivo e submisso ao homem, é alimentada historicamente, mas há uma intensificação de pensamentos e comportamentos dessa ordem a partir da Idade Média, a qual pode ser verificada em posições de alguns pensadores influentes da época, como Tomás de Aquino e Agostinho de Hipona, os quais as tratavam como seres imperfeitos. Mesmo com o fim da Idade Média e a evolução social, essas concepções influenciaram nos séculos subsequentes, cabendo ainda à mulher a obediência e respeito aos homens.

Por meio das entrevistas, observa-se o quanto ainda está presente na organização social a visão da mulher como sendo uma figura submissa e que sofre pela objetificação e submissão pelo gênero masculino. Esse rótulo imposto sobre as mulheres pode conferir ao homem um

lugar de soberania e auxilia na solidificação da sociedade patriarcal. Para as entrevistadas, as músicas poderiam conferir poder ao homem, para além das configurações sociais e pensamentos machistas, influenciando em seus comportamentos.

Pimentel e Günther (2009) buscaram verificar a influência de letras de música na inspiração de comportamentos antissociais ou pró-sociais. Concluiu-se que há uma importância significativa da música no cotidiano, bem como a influência de determinadas músicas e gêneros musicais nos comportamentos de ordem antissocial e pró-social. Em uma pesquisa realizada na Alemanha, Fischer e Greitemeyer (2006) demonstram que, ao serem expostos a músicas com letras misóginas e agressivas, homens tendem a ter reações expressivas de agressão e a atribuírem às mulheres características negativas.

Outra questão que pode ser relacionada a este ponto de vista é a percepção de algumas das participantes de que estas letras e conteúdos podem ser um reflexo ou uma causa para que haja o retrocesso nas conquistas por igualdade de gênero. O que se compreende é que a luta das mulheres pela garantia de seus direitos pode ser prejudicada por conteúdos que são considerados como banais. Silva e Lage (2016) comentam que muitos movimentos foram levantados objetivando romper com a cultura machista. No entanto, os motivos para lutar ainda são presentes, visto que a cultura machista é uma realidade e a representação da mulher como objeto é presente nos meios midiáticos, principalmente em letras de músicas.

Ao falar em luta por igualdade de gênero, citam-se as mulheres que ocupam o seu espaço na indústria musical. Senra (2014) destaca que o mundo da música em si contém uma disparidade visível de gênero. Um levantamento realizado demonstra que menos de um terço das músicas mais populares no período de 2002 a 2012 eram interpretadas por mulheres. A baixa expressividade leva ao questionamento da representação das mulheres na indústria musical. Nas composições cantadas por mulheres, destacam-se dois posicionamentos: mulheres que seguem a imagem de fêmea idealizada pelos homens e mulheres que tentam romper este ciclo e se autoafirmar como sujeitos. Ou seja, ao mesmo tempo que se percebe na posição feminina resquícios da visão machista e do papel socialmente atribuído à mulher, verifica-se uma parcela de compositoras que buscam quebrar esse padrão de pensamento culturalmente construído.

Houve também a relação, estabelecida pelas participantes, dos conteúdos sexuais com o gênero musical *funk*. Essa associação não é desfavorável a este gênero musical, o qual até mesmo é citado como preferência de algumas das entrevistadas. No entanto, ao tratar de

músicas com conteúdo sexuais, percebia-se nas participantes a conexão dos conteúdos com o gênero citado e a inclinação a comentar sobre este. Compreende-se por seus discursos que esta associação ocorre devido ao tratamento do tema de forma mais explícita e liberal, o que não é tão claramente observado em outros gêneros musicais pelas participantes. Oliveira e Cabral (2014), em pesquisa sobre a relação da música e da violência de gênero, apontam forte relação que foi estabelecida entre este tema e o *funk*, além de trazer que no ranking das músicas mais tocadas no ano e que possuíam temas recorrentes como mulher, sexo, álcool e dinheiro, destacava-se em primeiro lugar o funk, seguido pelo sertanejo universitário e o axé.

Ademais, Oliveira e Cabral (2014) também abordam a naturalização da violência, da pedofilia, de práticas abusivas e da sexualidade como um todo, por meio da qual disseminam-se ideias e temas que levam à aceitação de certos comportamentos pela sociedade. Essa percepção é encontrada também no discurso das mulheres entrevistadas, que expõem a preocupação de que as músicas acabem por normalizar comportamentos problemáticos, visto que muitas das composições abordam conteúdos como estupros e pedofilia de forma banalizada, isto é, como algo normal.

No entanto, encontram-se nos discursos das mulheres também a visão de que este tratamento mais naturalizado da sexualidade pode ser favorável à sociedade. As entrevistadas compreendem que a sexualidade foi, por muitos anos, um tema polêmico e gerador de tabus, sendo importante tratá-lo como algo normal nas relações humanas, podendo haver benefícios para o bem-estar e saúde, principalmente da mulher, que sempre sofreu uma maior opressão. Para as mulheres, o tema “relacionamento amoroso” é predominante entre os conteúdos musicais, e há a percepção de que o sexo é apenas um desdobrar desse tema. Nesse caso, não havendo conteúdos ofensivos ou que configurem violência, as representações sexuais em letras de música não causam constrangimento às mulheres. Sendo assim, compreende-se a necessidade de haver uma diferenciação entre conteúdos que abordem a sexualidade e a liberdade sexual e questões outras como abuso, violência e transtornos sexuais.

Oliveira, Rezende e Gonçalves (2018) abordam a trajetória da sexualidade das mulheres e colocam que, por muito tempo, estas foram vistas apenas por sua finalidade reprodutiva. A sociedade impõe padrões sociais e comportamentais, não sendo diferente com a sexualidade. Partindo disso, a sexualidade feminina, em específico, foi por muitos anos anulada e ainda hoje manifesta-se o reflexo dessa percepção pelo tabu que se coloca sobre o tema. Na evolução natural da sociedade e por meio de movimentos históricos as mulheres alcançaram maior

espaço e direitos, inclusive no que diz respeito à sua sexualidade. No entanto, mesmo com esta transformação cultural, a temática ainda fomenta questionamentos, mitos e preconceitos.

Várias participantes relacionam sentimentos negativos associados às composições musicais que abordam temas sexuais, principalmente as que trazem uma visão depreciativa da figura feminina ou abordam situações de violência. Dentre os sentimentos, foram citados o repúdio, nojo, tristeza, impotência, raiva, dentre outros. As próprias participantes, em alguns casos, relacionam isso a alguma situação vivida ou presenciada, a seus valores e experiências de vida. Sobre isso, Souza e Café (2018) declaram que as letras de músicas passam mensagens de caráter afetivo que influenciam e são influenciadas por valores sociais e políticos de determinado período cronológico. Do ponto de vista linguístico, as letras de músicas auxiliam na identificação das visões de mundo, as quais são carregadas de emoções, se tornando fundamentais para o estudo do funcionamento linguístico da letra musical.

Foi comentada também a relação entre letras de música e conteúdos temáticos associados à realidade sociocultural do compositor e/ou do ouvinte. Compreende-se, por este viés, que as letras servem como uma forma de comentar situações do cotidiano de determinados grupos, o que faz com que estes conteúdos sejam normalizados, justamente por estarem incluídos em vivências cotidianas. Dessa forma, a popularidade dos gêneros musicais e dos temas seriam uma espécie de identificação dos ouvintes com o assunto abordado. Hinkel e Prim (2009) comentam que as músicas, e mais especificamente as letras, podem ser entendidas como construções dialéticas que expressam a realidade da população que vive em exclusão social. Nesse sentido, podem ser entendidas como representações da sociedade, uma forma de expressão dos sujeitos e de compreensão da cultura, história e da organização social. Maheirie et al. (2008) vão ao encontro desta perspectiva ao colocarem que o processo artístico é social, uma vez que questiona valores sociais e significações dos sujeitos. A música é capaz de localizar os indivíduos em um cenário cultural e político e, ao mesmo tempo, apontar discussões sobre mudanças na estrutura social.

As entrevistadas compreendem também que deveria haver uma restrição em relação aos ambientes onde devam ser escutadas músicas que abordem conteúdos sexuais explícitos. A maioria entra em consenso sobre estas serem aceitáveis em festas e ambientes noturnos para maiores de idade. Relaciona-se a isto a preocupação, também bastante mencionada durante as entrevistas, em relação ao contato das crianças com músicas que têm conteúdos impróprios a sua faixa etária. Freitas (2015) colocam que a música, para além de uma linguagem artística, é

importante para a educação e formação de alunos. Na escola, por exemplo, a música contribui para o desenvolvimento cultural e psicomotor da criança. Levando em consideração a fala das entrevistadas, a aflição encontra-se relacionada justamente ao desenvolvimento cultural das crianças, que normalmente tendem a imitar e reproduzir comportamentos e discursos com os quais entram em contato.

Em último lugar, na categoria que aborda os conteúdos sexuais encontra-se a discussão em torno de que estas músicas se popularizam por seu gênero e ritmo e não especificamente pelo conteúdo encontrado nas letras. Nisto adentra a ideia de que, muitas vezes, não se presta atenção na letra, principalmente se o ambiente for favorável à dança e às interações sociais. As entrevistadas comentam que acabam escutando pela batida, porque as músicas são simples, fáceis de dançar e de cantar.

Maia e Antunes (2008) classificam tipos de ouvintes de músicas de acordo com as características de estilos e gêneros musicais. O tipo de ouvinte que não se atenta, necessariamente, a questões técnicas ou mais específicas da composição musical são chamados “ouvintes de entretenimento”. Para estes, são feitas as músicas que se enquadram na indústria cultural e que estão diretamente ligadas à questão de consumo, servindo a música nessa situação como uma forma de estimulação.

Soma-se a isso a compreensão de que estas músicas acabam configurando um modismo entre os jovens e um alvo de grande comercialização e obtenção de lucro para compositores e produtores. Nesse sentido, a música deixa suas características de expressão e arte para se tornar um produto de venda. Oliveira e Cabral (2014) tratam desta comercialização da música, colocando que, por ser veiculada pela mídia, músicas por vezes não possuem o objetivo de explorar uma qualidade técnica, mas de evocar alguns estados determinados, como a batida para a dança. Dessa forma, se reduz a um produto industrial, para ser consumido, sem intenção de arte. Maia e Antunes (2008), ao refletir acerca do papel da indústria cultural e a oferta de músicas padronizadas, apontam um declínio da individualidade nas características de autonomia, autorreflexão e singularidade, havendo um consumo irrefletido das mercadorias musicais.

Por fim, a última categoria temática aborda a influência que a música exerce no ser humano. A influência mais citada diz respeito aos grupos sociais. Compreende-se nesta perspectiva tanto a intervenção na formação e manutenção dos grupos quanto em situações de identificação grupal e atividades dos grupos, muitas vezes relacionado também à adolescência.

Para as entrevistadas, a influência da música em grupos pode ser tanto no sentido de unir pessoas que tem gostos semelhantes quanto nos lugares que os grupos frequentam, ou a forma que se organizam. Neste sentido, Matos e Belém (2019) abordam a influência que a música exerce na formação de tribos e colocam que as tribos urbanas se organizam por afinidades, podendo a música ser uma dessas afinidades. Ela seria então algo em comum entre estes sujeitos, contribuindo para a formação de uma tribo⁴.

Outro tema abordado acerca da influência da música foi sua relação com a mudança de humor e com os comportamentos humanos. Entende-se por mudança de humor um estado de humor prévio que é alterado ao ouvir a música. Já quanto ao comportamento, os relatos das participantes trazem a percepção de que dependendo da música, o comportamento pode ser alterado: dançar de uma forma diferente, falar de uma forma diferente, ter comportamentos não habituais. Na maioria das vezes essa mudança comportamental foi relacionada a ambientes festivos. De acordo com Miranda (2013), uma música é capaz de provocar diferentes respostas emocionais em pessoas diferentes. A emoção relacionada à música pode atrelar-se às experiências vividas e ao seu contexto.

Quanto ao registro dos estereótipos, encontra-se a opinião de que ouvintes de determinados gêneros tendem a ter comportamentos padronizados, por exemplo: todos os rockeiros usam roupas pretas. Algumas participantes comentam que, ao olhar uma pessoa, às vezes é possível inferir o gênero musical que ela escuta, seja por sua vestimenta, gírias ou outros comportamentos. Pereira (2010) apresenta a ideia de que, apesar de normalmente estereótipos serem entendidos como padrões utilizados por pessoas preconceituosas, eles são expectativas que surgem sobre um grupo social e a sua extensão, dos quais se esperam determinados comportamentos e características.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se com esta pesquisa verificar se há a compreensão das mulheres dos conteúdos sexuais na música popular do Brasil como sendo ofensivos e violentos, e ainda qual a sua percepção/reação diante destes. Com base nos resultados observou-se principalmente a intensa

⁴ O conceito de tribo é aqui compreendido enquanto um grupo social que se reúne diante de características similares e interesses em comum, que vão desde a fisionomia até comportamentos e hábitos (MAFFESOLI, 1998).

relação que o ser humano estabelece com a música no seu cotidiano. Para além de uma ciência e um método artístico, a música se constitui como parte da identidade do ser humano, sendo essencial à sua expressão e bem-estar. Quanto à relação das participantes com os conteúdos sexuais, identificou-se que a maioria das participantes se sentem incomodadas com os conteúdos sexuais, fato que se deve não à sexualidade em si, mas aos conteúdos específicos que são encontrados em letras de músicas que fazem referências diretas a comportamentos considerados inapropriados, do ponto de vista moral, ou os que tratam da imagem da mulher de uma forma depreciativa.

Os temas apresentados com maior frequência são justamente aqueles diretamente relacionados a questões de gênero. Esses conteúdos são facilmente associados à cultura patriarcal machista que ainda é presente em nossa sociedade, e os discursos dessas mulheres demonstram a necessidade da continuidade da luta por igualdade de gênero em nosso país. Cabe enfatizar que essa opinião não é unânime. Algumas mulheres entrevistadas dizem não ter oposição aos conteúdos sexuais em letras musicais, em sua maioria por compreenderem que estes não possuem relação direta com elas.

As principais limitações desta pesquisa dizem respeito à baixa diversidade da amostra, composta, em sua maioria, por mulheres de idades e escolaridades semelhantes. Considera-se interessante a realização de estudos complementares com maior abrangência e heterogeneidade amostral.

Sobre o artigo:
Recebido: 21 de maio de 2021
Aceito: 10 de junho de 2022

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. **Lei nº 12.015, de 07 de agosto de 2009**. Dos crimes contra a dignidade sexual. Brasília, 2009.
- FANTIN, G.; D'AGOSTINI, F. P.; DE MARCO, T. T. Conquistas e atuais desafios do movimento feminista. **Anuário de Pesquisa e Extensão**, v. 3, p. 1-14, fev. 2018.
- FISCHER, P.; GREITEMEYER, T. Music and Aggression: the impact of sexual-aggressive song lyrics on aggression-related thoughts, emotions, and behavior toward the same and the opposite sex. **Personality And Social Psychology Bulletin**, v. 32, n. 9, p. 1165-1176, set. 2006.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Ministério da Segurança Pública (Ed.). **Anuário brasileiro de segurança pública**. São Paulo: SP, 2018.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa** (3ª Ed.). Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FREITAS, L. W. (Org.). **Educação musical e pedagogia: pesquisas, escutas e ações**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.
- GHIGLIONE, R.; MATALON, B. **O inquérito: teoria e prática**. Oeiras: Celta, 1997.
- HINKEL, J.; PRIM, L. F. Um estudo psicossocial dos significados e sentidos expressos nas músicas de MV Bill. **Estudos de Psicologia: Campinas**, v. 14, n. 2, p. 151-158, maio 2009.
- JUSTO, J. S.; FREITAS, C. J. Afinação da subjetividade: música e tribalismo urbano. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 48, p. 52-68, jul./dez. 2016.
- LUCENA, S. A.; SILVA, V. M. S.; BONFIM, A. Forró de Duplo Sentido: Só Uma Música ou Expressão de Uma Visão Desrespeitosa Contra a Mulher? **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 12, n. 27, p. 58-73, 30 dez. 2014.
- MAFFESOLI, M. **O Tempo das Tribos: o declínio do Individualismo nas sociedades de Massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MAHEIRIE, K. et al. (Re)composição musical e processos de subjetivação entre jovens de periferia. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 2, p. 187-197, jan. 2008.
- MAIA, A. F.; ANTUNES, D. C. Música, indústria cultural e limitação da consciência. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 8, n. 4, p. 1143-1176, dez. 2008.
- MANOEL, D. S. Música para historiadores: [Re]pensando canção popular como documento e fonte histórica. In: XIX Encontro Regional de História, 2014, Juiz de Fora. **Anais [...]**. Juiz de Fora: 2014.

MATOS, R. K. S.; BELEM, R. C. Música: formando tribos, constituindo identidades sociais. **Pesquisa & Práticas Psicossociais**, São João Del Rei, v. 14, n. 1, p. 1-14, jan. 2019.

MIRANDA, M. B. **A música e as emoções: os benefícios da educação musical amparados na neurociência**. 2013. 36 f. Monografia (Especialização) – Curso de Licenciatura Plena em Educação Artística, Habilitação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

NUNES-SILVA, M. et al. Avaliação de Músicas Compostas para Indução de Relaxamento e de seus Efeitos Psicológicos. **Psicol. cienc. prof.**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 709-725, jul. 2016.

OLIVEIRA, D. L.; CABRAL, E. B. A música e sua influência na propagação de conceitos discriminatórios, ofensivos e banalização do papel da mulher: um estudo sob o olhar da psicanálise. In: Semana de Ciência e Tecnologia da PUC-GO, 2014, Goiânia. **Anais [...]**, p. 1-36. Goiânia: 2014.

OLIVEIRA, E. L.; REZENDE, J. M.; GONÇALVES, J. P. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. **Ártemis**, Paraíba, v. 26, n. 1, p. 303-314, jul. 2018.

OLIVEIRA, V. P. A influência do gosto musical no processo de construção de identidade na juventude. **Psicologia.Pt**, Minas Gerais, v. 1, n. 1, p. 1-21, jan. 2013.

PEREIRA, R. P. **A relação entre estereótipos e automatismos por meio de estudos em priming**. 2010. 85 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

PIMENTEL, C. E.; DONNELLY, E. D. O. P. A Relação da Preferência Musical com os Cinco Grandes Fatores da Personalidade. **Psicol. cienc. Prof.**, São Paulo, v. 28, n. 4, p. 696-713, 2008.

PIMENTEL, C. E.; GÜNTHER, H. Percepção de letras de músicas como inspiradoras de comportamentos antissociais e pró-sociais. **Psico**, v. 40, n. 3, p. 373-381, 2009.

REIS, A. C.; ZANELLA, A. V. Psicologia Social no campo das políticas públicas: oficinas estéticas e reinvenção de caminhos. **Revista de ciências humanas**, Florianópolis, v. 49, n. 1, p. 1-17, 2015.

ROCHA, V. C.; BOGGIO, P. S. A música por uma óptica neurocientífica. **Per Musi**, n. 27, p. 132-140, jun. 2013.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LÚCIO, M. D. P. B. (2006). **Metodologia de Pesquisa**. Ed. McGraw Hill, São Paulo, 3 ed.

SANTOS, R. B.; BUSSINGUER, E. C. A. A cultura do estupro e o poder disciplinar nos corpos femininos na perspectiva foucaultiana. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, 2017, Florianópolis. **Anais [...]**, p. 1-8. Florianópolis: 2017.

SENRA, I. Z. M. **Canções vadias: Mulheres, identidades e música brasileira de grande circulação no rádio**. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SILVA, C. Y. G.; MILANI, R. G. Adolescência e Tendência Antissocial: o Rap como Expressão de uma Privação Emocional. **Psicol. cienc. prof**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 374-388, jan. 2015.

SILVA, M. A.; LAGE, A. C. Músicas que violentam a mulher: representações machistas nas letras do forró estilizado. In: **XII Conages**, 2016, Campo Agreste. **Anais [...]**, p. 1-13. Campo Agreste: 2016.

SOUZA, R. R.; CAFÉ, L. M. A. Análise de sentimento aplicada ao estudo de letras de música análise de sentimento aplicada ao estudo de letras de música. **Inf. & Soc**, João Pessoa, v. 28, n. 3, p. 275-286, set. 2018.

SOUZA, A. B. S. São Tomás de Aquino e Santo Agostinho e a mulher na idade média. **Annales Faje**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 92-101, jan. 2016.

VIEIRA, A. P.; AVELINO, D. R. Dança, Música e Processos Criativos: possíveis interfaces. **Moringa**, João Pessoa, v. 5, n. 2, p. 133-152, jul. 2014.

WAZLAWICK, P.; CAMARGO, D.; MAHEIRIE, K. Significados e sentidos da música: uma breve “composição” a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 105-113, jan./abr. 2007.

ZANETTI, C. E. O Acompanhamento Terapêutico (AT) no Hospital Geral: Música e Psicologia Aplicada à Saúde. **Rev. Sbph**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 49-59, jun. 2008.